



Sarney não calculava que a situação mudaria em poucas horas e substituiria Tancredo

ARTIGO » LIANA SABO

40 anos — Ainda estamos aqui

Este mês eu vou completar 57 anos no **Correio Braziliense**. Mais de meio século. Entrei nesta casa em 1968, o ano que Zuenir Ventura disse que “não acabou” no título do livro, no qual conta como transcorreu no Brasil o ano que iria se tornar lendário por conta de manifestações estudantis contra o sistema.

Foram momentos dramáticos, mas nada parecido com a agonia que se viveu na véspera do dia 15 de março de 1985, 40 anos atrás. Estava tudo preparado para a posse de Tancredo Neves, primeiro presidente da Nova República, período que sucedeu a ditadura militar. À época, eu era responsável pela cobertura jornalística no Itamaraty (para entender de política externa, fazia algumas cadeiras no curso de Relações Internacionais na UnB, que tinha à frente o embaixador Rubens Ricúpero).

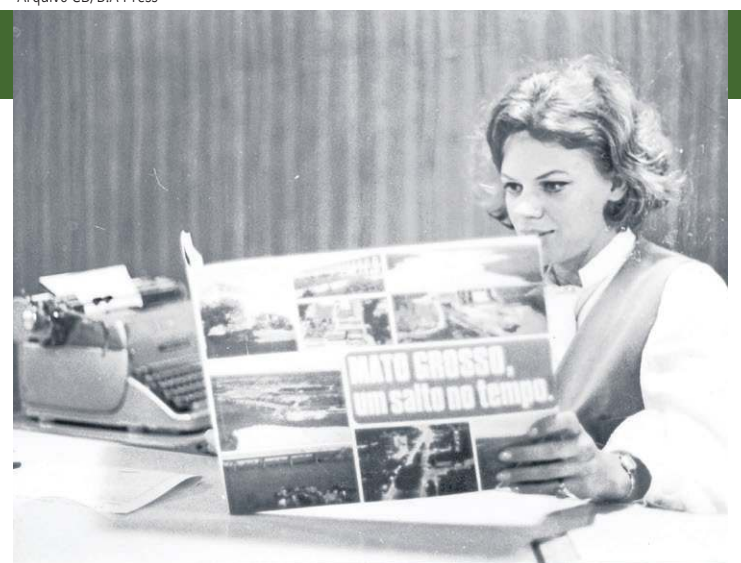
Na manhã de 14 de março (era quinta-feira), os primeiros chefes de Estado a chegar vinham de perto: presidentes Raúl Alfonsín, da Argentina, e Julio Maria Sanguinetti, do Uruguai. À tarde, a revoada de aeronaves na Base Aérea ficou mais intensa. Um Ilyushin, de fabricação soviética, trouxe o comandante sandinista

Daniel Ortega, até hoje no poder na Nicarágua. Eram tantas os governantes estrangeiros que vinham prestigiar a redemocratização brasileira que o então chanceler Saraiva Guerreiro decidiu ficar direto, recebendo os visitantes ao pé da escada dos aviões.

Tudo transcorria de acordo com o previsto até o fim da missa na Dom Bosco, de onde Tancredo saiu com uma expressão de dor, levando várias vezes a mão à região do baixo ventre. Não deu para aguentar mais. Precisava ser atendido com urgência. Um raio não teria efeito maior do que essa notícia na Redação. E agora?

Com o presidente eleito deitado numa mesa de cirurgia do Hospital de Base, quem assumiria os destinos da Nação? O vice-presidente eleito, que ainda iria tomar posse, ou o presidente da Câmara dos Deputados? A discussão se prolongou noite adentro. Por falta de uso, não estava à mão a Constituição, guardada na biblioteca do **Correio**, que já tinha fechado a porta. O meio mais rápido era alguém trazer a Carta Magna até nós. Foi o que fez meu sobrinho Eduardo Sabo, que montado em sua moto veio com a mochila

Arquivo CB/D.A Press



RAIOU O DIA, A EDIÇÃO ESTAVA FECHADA. VOLTEI À POSSE NO PALÁCIO. SARNEY ABRIU O DISCURSO DIZENDO: “ESTOU COM OS OLHOS DE ONTEM”

com os livros do curso de Direito da UnB, nas costas, nos salvar.

Enquanto o Brasil inteiro discutia se seria José Sarney ou Ulysses Guimarães a substituir o enfermo em tão má hora, voltei à Base Aérea para uma última cobertura. Eram mais de duas horas do dia 15 de março, quando desembarcou de Cuba o gigante barbudo. Mesmo à distância do curral da imprensa, deu para entender, por leitura labial, a pergunta atônita de

Fidel Castro a um diplomata brasileiro: “Qué pasa?”

Finalmente, veio a conclusão das consultas entre juristas, especialistas e políticos, que decidiram aquilo que a Constituição era omissa. Será o vice-presidente eleito!

“Eu soube que ia assumir a Presidência às 3 horas da manhã do dia 15”, relembrou Sarney, três semanas atrás numa memorável entrevista ao **Correio**, publicada domingo, 23 de fevereiro.

Quando raiou o dia, a edição estava fechada. Voltei para casa, tomei banho e um café forte, e me vesti depressa para chegar cedo à posse no Palácio do Planalto. Quando José Sarney, do alto de seus quase 55 anos, emocionado, abriu o discurso dizendo “estou com os olhos de ontem”, eu comentei baixinho, no quadrado da imprensa, frente às autoridades: “Eu também, presidente”.

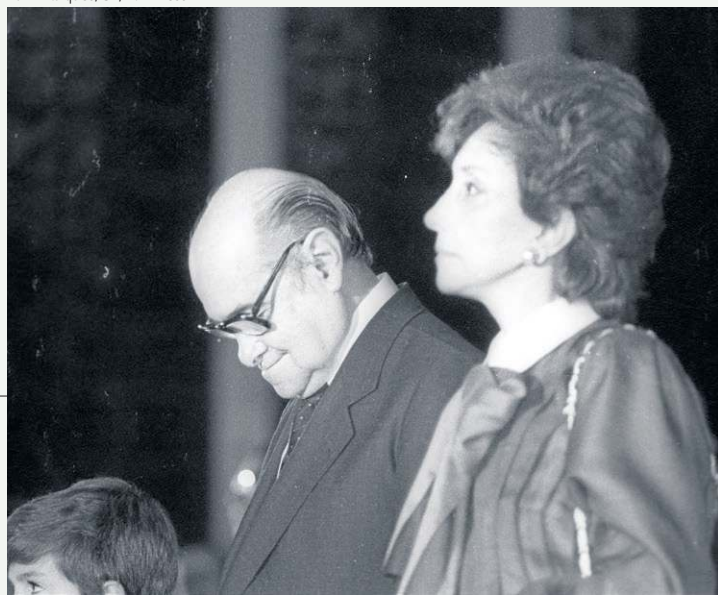
Assim, insone, vi renascer a democracia no Brasil.

Personagens fundamentais e locais que decidiram a Nova República

SANTUÁRIO DOM BOSCO

Projetado pelo arquiteto Carlos Alberto Naves, a igreja homenageia o segundo padroeiro de Brasília, São João Bosco — que no século XIX teria profetizado a vinda da capital para o Planalto Central durante um sonho. Administrada pela Congregação Salesiana, tornou-se santuário em 2017. É uma das Sete Maravilhas do Patrimônio Cultural da cidade. **Tancredo Neves** lá estivera, horas antes da internação, participando de uma missa solene — e segundo o médico e historiador Luís Mir em *O Paciente — O Caso Tancredo Neves*, o presidente não aparentou nenhum desconforto na cerimônia.

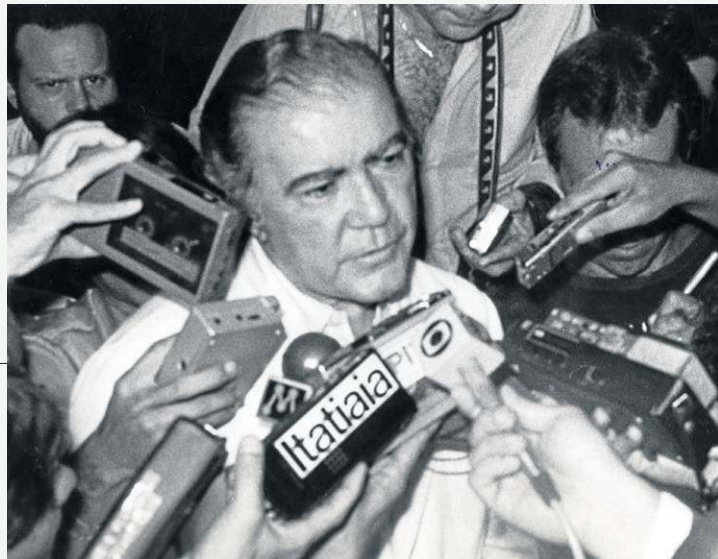
Luiz Marques/CB/D.A Press



HOSPITAL DE BASE

Inaugurado por Juscelino Kubitschek na data do seu aniversário, em 12 de setembro de 1960, inicialmente chamava-se Hospital Distrital e seria o núcleo de um sistema hospitalar, completado por unidades menores. O projeto é do arquiteto Oscar Niemeyer. Tancredo deu entrada por volta das 21h30, por recomendação do cirurgião **Francisco Pinheiro Rocha**, que o atende na Granja do Riacho Fundo e percebe que a situação piorara.

Gilberto Alves/CB/D.A Press



GRANJA DO RIACHO FUNDO

Foi erguida para ser casa de veraneio dos presidentes. Na entrada principal, vê-se um painel de azulejos de Athos Bulcão. Nesse espaço teria sido elaborado o Ato Institucional 5 (que recrudescera a ditadura) e o Pacote de Abril (que, entre outras medidas, criou o senador “biônico”, devolveu à Arena o controle do Congresso e cancelou as eleições diretas para governador em 1978). Tancredo estava lá hospedado à espera da posse. Antes de ser removido ao Hospital de Base, ainda tentou que **Renault Ribeiro** o medicasse por lá — “Em casa não faço soro em ninguém, nem no presidente. Soro se aplica no hospital, onde é possível contornar possíveis complicações”, disse o médico ante a contrariedade do presidente, de acordo com Luís Mir em *O Paciente — O Caso Tancredo Neves*.

F. Gualberto/CB/D.A Press



ACADEMIA DE TÊNIS

Aberta em 1972 pelo empresário José Farani, ficou conhecida por receber várias reuniões do governo de transição do ex-presidente Fernando Collor — e também por ser de onde Zélia Cardoso de Mello, já ministra da Economia, saiu para apresentar o plano de confisco das cadernetas de poupança. O local recebia eventos culturais, como o Festival de Cinema de Brasília. Na noite de 14 de março, o futuro ministro do Exército, **general Leônidas Pires Gonçalves**, lá estava em uma recepção promovida pelos militares para homenageá-lo.

Gilberto Alves/CB/D.A Press



EMBAIXADA DE PORTUGAL

Começou a ser aberta em Brasília em novembro de 1960, com a inauguração do monumento ao Infante D. Henrique. O prédio de concreto aparente, cuja construção foi a partir de 1973, é projeto do arquiteto português Raul Chorão Ramalho. Guarda obras de renomados artistas portugueses, como o azulejista Querubim Lapa, o escultor Lagoa Henriques e o pintor Guilherme Camarinha. **A cúpula do então PMDB** participava de um evento em homenagem ao premiê português Mário Soares. Tão logo souberam da internação de Tancredo, foram em peso para o Hospital de Base.

Arquivo CB/D.A Press



GRANJA DO IPÊ

Atualmente compõe a Área de Relevante Interesse Ecológico (Arie) da Granja do Ipê. Está localizada próxima à Mesa de JK, no Riacho Fundo II, e é cercada pelos bairros do Riacho Fundo I e Park Way. Trata-se de um espaço de mata nativa do Cerrado. Porém, hoje é permanentemente acossada por grileiros — que invadem, desmatam e loteiam ilegalmente o terreno preservado. Em março de 1985, o jurista **João Leitão de Abreu (C)**, então ministro do Gabinete Civil do governo Figueiredo, tinha lá uma chácara. Foi nela que se confirmou que Sarney tomaria posse na Presidência devido à impossibilidade de Tancredo.

Givaldo Barbosa/CB/D.A Press

